

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**DO ACONTECIMENTO HISTÓRICO AO ACONTECIMENTO DISCURSIVO:
O DISCURSO SOBRE A TELEVISÃO NA IMPRENSA BRASILEIRA**

Silmara Cristina Dela-Silva
silmaradela@gmail.com

Doutor
Universidade Federal Fluminense (UFF)

A proposta deste trabalho é pensar a relação entre as noções de acontecimento histórico, jornalístico e discursivo no processo de constituição de sentidos para a televisão na imprensa brasileira, na década de 1950. Neste período, são instaladas as primeiras emissoras de televisão no Brasil e têm início as suas transmissões regulares nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, o que faz da imprensa um local privilegiado no processo de constituição de sentidos para a TV, anunciada como uma novidade no país naquele momento.

Esta breve reflexão teórica sobre as três noções de acontecimento supracitadas é parte de uma pesquisa mais ampla, que tem como foco o acontecimento discursivo sobre a televisão na imprensa brasileira de referência e o início do que seria um processo de constituição do sentido de grande mídia para a TV no Brasil (S.C. DELA-SILVA, *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. Tese – doutorado, IEL-Unicamp, 2008). A relação entre as três noções mostrou-se especialmente útil para a composição do corpus daquela pesquisa e, conseqüentemente, possibilitou o desenvolvimento de análises discursivas sobre os modos de constituição de sentidos para a televisão, que produzirão efeitos na constituição do discurso da TV.

As reportagens sobre a televisão trazidas pelas publicações jornalísticas à época, que transformam a nova tecnologia em um acontecimento jornalístico, permitem pensar o acontecimento histórico da TV no Brasil. Quando observadas a partir da perspectiva teórica e metodológica da Análise de Discurso, como proposto, essas publicações possibilitam também a compreensão do acontecimento discursivo que participa da constituição da TV como uma nova mídia no país.

Esta apresentação aborda os conceitos de acontecimento histórico, acontecimento jornalístico e acontecimento discursivo, ao mesmo tempo em que mostra o seu funcionamento na análise do

discurso da imprensa sobre a televisão brasileira. Em um segundo momento, mostra as relações entre essas noções na prática de constituição de um corpus para a análise do acontecimento discursivo da televisão no Brasil, composto por reportagens e propagandas em circulação na imprensa brasileira, em publicações consideradas de interesse geral, entre meados da década de 1940 e início dos anos 1950.

I – Acontecimento histórico, jornalístico e discursivo

O acontecimento histórico consiste em um fato que, por sua relevância enquanto ocorrência no mundo, passa a ser lembrado na história, fazendo parte do dizer sobre o passado de um povo, narrado pela ciência histórica (J. LE GOFF, *História e Memória*, 1996). Le Goff distingue, assim, a história vivida pelas sociedades humanas da ciência histórica construída pelo historiador, narrada a partir de documentos e depoimentos. Na ciência histórica, que, segundo Le Goff, é feita por meio do reconhecimento de regularidades em diversas sociedades, os acontecimentos que se tornam parte da história são selecionados pelo historiador.

O olhar discursivo compreende que o acontecimento histórico, enquanto acontecimento da ordem das práticas humanas, pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentido diversos. Enquanto acontecimento histórico, a chegada da TV ao Brasil tem como marco oficial o dia 18 de setembro de 1950, data de inauguração da primeira emissora de televisão em uma cidade brasileira, a TV Tupi, em São Paulo. O registro do início oficial das transmissões televisivas que, posteriormente, seria considerado um acontecimento histórico da mídia e das novas tecnologias no país, inicialmente é tratado como um acontecimento jornalístico na imprensa da época, como pode ser observado no recorte (1):

(1) Inauguração amanhã da televisão na Difusora

Detalhes técnicos e artísticos da Difusora TV – grande acontecimento na radiofonia brasileira – noticiários e peças de hoje

Aguardada com grande expectativa há muito tempo, finalmente amanhã será inaugurada, oficialmente, a televisão em São Paulo, no Brasil, na América do Sul. Realmente, é a primeira emissora de televisão do continente latino e isso se deve às emissoras “associadas” de São Paulo que se anteciparam às coirmãs do Rio de Janeiro. (*Jornal Correio Paulistano*, 17.09.1950)

O dizer sobre a televisão na imprensa, no entanto, não coincide somente com o acontecimento histórico de implantação da primeira emissora. Mesmo antes das primeiras transmissões televisivas regulares na capital paulista, a imprensa de referência, em especial os jornais e as revistas de propriedade dos Diários e Emissoras Associados, responsáveis pela inauguração das primeiras emissoras, haviam transformado a televisão em um acontecimento jornalístico.

Por acontecimento jornalístico compreende-se, assim, um fato selecionado dentre os diversos que ocorrem em um dado período, considerado de interesse público, e que, por isso, passa a ocupar as páginas das publicações jornalísticas. Trata-se de um acontecimento enquanto referente, com uma

existência material no mundo; um acontecimento enquanto um fato que se inscreve na história do dia-a-dia, que o jornal e os jornalistas se propõem a escrever.

Os acontecimentos jornalísticos são transpostos para o jornal em forma de notícias que, segundo a perspectiva enunciativo-discursiva de Guimarães (E. GUIMARÃES, *O acontecimento para a grande mídia e a divulgação científica*. In: *Produção e circulação do conhecimento*. Estado, mídia e sociedade, 2001, p. 13), trata-se de uma “narrativa de acontecimentos contemporâneos à sua enunciação”. Esses acontecimentos, no entanto, são selecionados pelo jornalista dentre as inúmeras ocorrências de um dado período, a partir de critérios como o interesse do público e a atualidade. Assim, tem-se a concepção de acontecimento jornalístico como um fato de interesse público, que está presente em teóricos da área de Comunicação e Jornalismo, e é reafirmada pelos Manuais de Redação, elaborados e publicados pela imprensa de referência brasileira, e responsáveis pela instrumentalização do fazer jornalístico.

Para a escolha dos acontecimentos que merecem ser notícia, a imprensa se baseia em critérios como “ineditismo”, “improbabilidade”, “interesse”, “apelo”, “empatia” e “proximidade”, segundo definição da importância da notícia, no Manual da Redação Folha de S. Paulo (2001). A notícia, desta forma, é avaliada de acordo com a novidade que representa, a sua probabilidade de ocorrência, e o interesse que supostamente provocará nos leitores, seja em razão de seu apelo ou da sensibilidade que possa despertar no leitor, em consequência de sua proximidade com uma dada ocorrência.

No caso da televisão, desde 1945, a sua existência em outros países resulta em relatos na imprensa brasileira sobre a novidade tecnológica que ela representava. O recorte (2) apresenta a menção à TV como “artifícios (da ‘indústria do filme’) para ganhar novas audiências”:

(2) De quando em quando os magnatas da indústria do filme recorrem a artifícios para ganhar novas audiências, e daí, a cor, o som, as peças de teatro, as novelas, o romance e futuramente a televisão e o relevo. Mas tudo isso não serão senão formas passageiras... (*O Cruzeiro*, coluna Cinelândia, 15.09.1945).

Após esse período, além de ser mencionada em notas, a televisão começa a ser tema de reportagens jornalísticas que anunciavam iniciativas individuais de produção de aparelhos de transmissão de imagens e explicavam o funcionamento técnico do novo equipamento. Ao ser transformada em um acontecimento jornalístico e obter espaço nas principais publicações de interesse geral, nas décadas de 1940 e 1950, a televisão é significada como de interesse da população, e passa a dividir as páginas das publicações com os acontecimentos do mundo da política, da economia e dos esportes, por exemplo, considerados relevantes para a composição das páginas dos impressos naquele momento.

A perspectiva discursiva de estudos da linguagem, na qual se situa este trabalho, questiona o acontecimento jornalístico enquanto fato e o considera enquanto um acontecimento para o jornalismo ou um acontecimento para a grande mídia, considerados relevantes pela própria imprensa. Sabe-se

que, enquanto linguagem, o dizer jornalístico não traz consigo o fato, mas um gesto de interpretação do mesmo. A imprensa, mais que simplesmente narrar acontecimentos e servir de suporte para tais narrações, produz sentidos para os acontecimentos que eleger como de destaque em um momento dado.

Da mesma forma que os acontecimentos que serão registrados pela ciência histórica são selecionados a partir do olhar do historiador, ainda que para isso ele se sirva de métodos científicos e observações de regularidades sociais, como afirma Le Goff, “o acontecimento para o jornal, aquilo que é enunciável como notícia, não se dá por si, como evidência, mas é constituído pela própria prática do discurso jornalístico. Enunciar na mídia inclui uma memória da mídia pela mídia” (E. GUIMARÃES, O acontecimento para a grande mídia e a divulgação científica. In: *Produção e circulação do conhecimento*. Estado, mídia e sociedade, 2001, p. 15).

Adotados como marco para a composição do corpus dessa pesquisa, os acontecimentos histórico e jornalístico supracitados permitem a compreensão do acontecimento discursivo da TV no país. O acontecimento discursivo é aquele que se produz “no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (M. PÊCHEUX, *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. 1990, p. 17). Como a sua ocorrência se marca “na consistência de enunciados que se entrecruzam em um momento dado” (D. MALDIDIER; J. GUILHAUMOU, Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: E. ORLANDI, *Gestos de Leitura*, 1997, p. 166), o acontecimento discursivo não coincide com a notícia jornalística ou com os registros de um fato na história.

O acontecimento discursivo pressupõe, assim, a relação entre dizeres que, ao se cruzarem, tendem a promover rupturas, ainda que um novo dizer, por princípio, seja formulado a partir das possibilidades que este dizer encerra. A análise dos efeitos de ruptura ao se pensar o acontecimento discursivo é realizada por Zoppi-Fontana (*Cidadãos modernos*. Discurso e representação política. 1997; *Ordem jurídica, ordem política e a (des)ordem nas ruas*. *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad*. 1999), em trabalhos que buscam compreender os acontecimentos discursivos que possibilitam o surgimento de novos espaços de significação para o sujeito, dentre outros trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva enunciativa e discursiva de estudos da linguagem.

Como em Zoppi-Fontana (1997), o acontecimento discursivo neste trabalho é compreendido como “a emergência de um enunciado ou de uma posição enunciativa novos que reconfiguram o discurso, e através deste participam do processo de produção do real histórico” (1997, p. 51). O discurso da imprensa sobre a televisão, publicado quando do início das transmissões televisivas no Brasil, apresenta-se como um acontecimento discursivo a partir do momento em que permite a emergência de um novo enunciado – televisão no Brasil – que configura novas posições enunciativas, inclusive a do dizer em nome da televisão, e que futuramente irá compor o discurso da televisão, e a do dizer em nome do país e do povo brasileiro.

II – A televisão no Brasil: um acontecimento discursivo

Para a composição de um corpus de análise que permitisse a compreensão do acontecimento discursivo da televisão na imprensa brasileira, foram mobilizadas as noções de acontecimento histórico e de acontecimento jornalístico, consideradas as particularidades de cada uma delas, conforme apresentado anteriormente. O acontecimento histórico de inauguração da primeira emissora televisiva em uma cidade brasileira foi tomado como marco para a busca do dizer sobre a televisão na imprensa brasileira. A observação das publicações jornalísticas, em suas edições anteriores a 1950, apontou a presença de um dizer sobre a TV em 1945, época em que publicações não-especializadas, como a revista *O Cruzeiro*, já tratavam a TV como um assunto em suas colunas.

As primeiras menções feitas por aquela revista consideram a televisão uma mídia do futuro, presente em alguns países europeus e nos Estados Unidos. O dizer sobre a televisão na imprensa, neste período, é esporádico e feito com um distanciamento em relação aos acontecimentos jornalísticos do dia-a-dia brasileiro. Uma ruptura em relação a esse dizer acontece a partir de 1948, quando a publicação inicia um trabalho permanente de produção de notícias sobre a televisão, por meio da produção de reportagens e da inserção do assunto em suas colunas especializadas em rádio, cinema e teatro.

Neste período, tem início o investimento da empresa Diários e Emissoras Associados para a inauguração de uma primeira transmissora de televisão no Brasil, o que se manifesta na revista *O Cruzeiro* como uma ruptura no dizer sobre a televisão, que neste trabalho é compreendido como o acontecimento discursivo da televisão no Brasil. A partir deste acontecimento discursivo, que se marca pelo emprego da expressão “televisão no Brasil”, é preciso explicar significados, produzir sentidos para a televisão que promovam o seu vínculo com o país, uma vez que as transmissões, anunciadas como uma conquista da cadeia Diários e Emissoras Associados, aproximavam-se.

O acontecimento discursivo da televisão no Brasil, marcado no fio do discurso pela expressão “televisão no Brasil” e a emergência de um sujeito coletivo, “nós, os brasileiros”, pode ser observado nos recortes (3), (4) e (5):

(3) Desde que o rádio gritou pela primeira vez no nosso ar que imediatamente veio, como ‘blague’ inicialmente a possibilidade da televisão. (...) Agora, positiva-se a verdade e, a televisão em completa vitória nos Estados Unidos, vai ser lançada no Brasil pela mão das Emissoras Associadas. (*O Cruzeiro*, coluna *Back Ground*, 14.02.1948)

(4) A mais recente e revolucionária descoberta do sem fio, depois de conquistar vários países adiantados em todo o mundo, estabelecendo-se definitivamente nos Estados Unidos e Inglaterra, onde presta serviços inestimáveis ao povo dessas nações, a Televisão já está praticamente entre nós. Prestes a ser inaugurada no Rio a primeira estação televisora do País, já se vem providenciando a instalação de outra nesta Capital. (*O Estado de S. Paulo*, 02.07.1950)

(5) A nossa Televisão é um “brotinho”. Há um ano apenas existe e, no entanto, a cada novo dia, dá uma amostra eloqüente do que pretende fazer em favor de seu público. (*O Cruzeiro*, Reportagem, 08.09.1951)

A revista *O Cruzeiro* traz o que primeiro se fala sobre a televisão no Brasil e insiste na tematização da TV, constituindo-se como um espaço privilegiado para o dizer sobre a televisão antes, durante e mesmo depois de sua inauguração no país. Outras publicações de referência, com o jornal *O Estado de S. Paulo*, reafirmam esse dizer que permanece até meados de 1952, quando ocorre o deslocamento do foco na TV no Brasil para o foco em o que a televisão exhibe, em sua programação.

Gradativamente, a televisão deixa de significar como uma novidade, um acontecimento jornalístico, para tornar-se um lugar, um espaço de acontecimentos, estes sim interessantes para a produção de notícias. As notícias relacionadas à televisão não significam mais em razão da novidade que é a própria TV, mas em função do que a televisão pode proporcionar. É assim que se tornam notícias as adaptações literárias apresentadas na televisão, os atores e as atrizes que mais aparecem na tela, e as suas principais atrações, como *shows* humorísticos.

O processo de constituição do corpus sobre o dizer da imprensa na televisão, com base na delimitação entre as noções de acontecimento histórico, jornalístico e discursivo, aponta, assim, a sua divisão em três períodos, a saber:

1. de 1945 a 1947 – não há a perspectiva de se instalar a televisão no Brasil e por isso tudo o que é dito sobre a TV aponta a um futuro desconhecido;
2. de 1948 a 1952 – inaugurado pelo acontecimento discursivo da “televisão no Brasil”, este período apresenta a televisão como presente no Brasil. A televisão é caracterizada como responsável por fazer do Brasil um país moderno e desenvolvido, a exemplo dos EUA;
3. a partir de 1952 – a televisão não é mais o assunto, mas um lugar de acontecimentos jornalísticos, um espaço onde novidades acontecem.

O segundo período, inaugurado pelo dizer sobre o início das transmissões de TV no país e marcado pela expressão “televisão no Brasil”, posta em circulação na/pela imprensa em meados de 1948, dois anos antes das primeiras transmissões televisivas no país, aponta o acontecimento discursivo da televisão, pois é nele que se constituem os sentidos para a TV.

O enunciado, em seu entrecruzamento com “televisão do Brasil”, permite a paráfrase com o emprego da primeira pessoa, “nossa televisão”, o que particulariza a TV e promove uma ruptura em seu processo de significação. Não se trata apenas da televisão, mas da “televisão do Brasil” e da coletividade dos brasileiros, ainda que de fato a nova tecnologia não estivesse disponível no país, naquele momento histórico.

Apoio Faperj (processos: E-26/102.82/2009 e E-26/102.86/2009).